

HIDROVIA

Povos avaliam impactos da hidrovia Tocantins-Araguaia*

Projetada para reduzir o custo da exportação da soja para a Europa, a hidrovia condenaria à morte os rios Javaé e Tapirapé, importantes para a sobrevivência dos índios do Centro-Oeste e Norte do país

"Nós não temos produção de soja ou criação de gado para transportar nas balsas. Isso não é para nos beneficiar, mas sim para prejudicar-nos. Não adianta sermos indenizados, pois, nos supermercados não se encontram tartarugas, peixes e outros animais silvestres"

Líderes Karajá/dezembro de 1997

Mais de quarenta lideranças dos povos Apinajé, Xavante, Xerente, Tapirapé, Krikati, Krahô, Javaé e Karajá estiveram reunidos, no dia 10 de março em São Félix do Araguaia, MT, para enfrentar juntos uma grande ameaça: a hidrovia Tocantins-Araguaia. Um projeto concebido nos anos 80 pelo governo brasileiro e a Organização dos Estados Americanos (OEA), a fim de implementar no interior do país uma via fluvial industrial. A execução dessa hidrovia, que teve o aval

do Ibama em 1995, acarretará destruição de ecossistemas importantes e perda da biodiversidade da região. Com a alteração do curso dos rios, a poluição provocada pelo tráfego de barcas e a migração de famílias de trabalhadores para o trecho de influência da hidrovia, as populações indígenas locais perderiam suas principais fontes de subsistência, correndo ainda o risco de terem suas áreas invadidas.

Durante o encontro de São Félix, os líderes prepararam um documento, "Declaração dos filhos dos rios", que expressa a opinião de suas comunidades: "Entendemos que o projeto da hidrovia não trará desenvolvimento

que nossa região merece. Pois esse projeto só prevê a produção de soja e de outros grãos que serão destinados para alimentar porcos, galinhas e gados de outros países, enquanto que os cidadãos brasileiros passam fome, se alimentando dos restos dos lixos, sem nenhum emprego que possam lhes assegurar uma vida digna. Ou será que a vida desses animais vale mais do que nossos rios, nossas vidas e a vida dos ribeirinhos?"

Embargo

Conhecida também como Corredor Multimodal Centro-Norte, a hidrovia Tocantins-Araguaia beneficiaria apenas empresas de comércio agrícola, companhias de navegação e construtoras. De acordo com estudos preliminares de impacto ambiental feitos pelos administradores do empreendimento, a extensão das obras pode atingir mais de 2 mil 516 quilômetros do sistema fluvial do Araguaia, Tocantins e rio das Mortes, ligando diversos portos à ferrovia Norte-Sul (com apenas 109 km já construídos) e à ferrovia Carajás. Os cus-

tos estão estimados em US\$ 220 milhões na fase inicial, de um total de US\$ 800 milhões. Embutidos, os custos com a manutenção da hidrovia.

Desde junho de 1997, as obras no rio das Mortes estão embargadas por liminar judicial concedida numa ação efetuada pelos índios Xavante, através do Instituto Socioambiental. O Supremo Tribunal Federal proibiu os trabalhos considerando a falta de estudos de impacto ambiental (EIA/RIMA) e o não cumprimento da Constituição que exige consultas aos povos indígenas além de autorização do Congresso Nacional.

Por várias vezes, desde então, o governo - Ministério dos Transportes e Funai - tentam convencer os Xavante a aceitarem compensações em dinheiro e promessas de projetos de exploração em suas áreas. Mas os índios resistem e denunciam a Procuradoria a passagem de comboios de barcas naquela área.

Como alternativa de transporte para a região, os Xavante defendem a conclusão da rodovia BR 158, a Ferronorte e a ferrovia Norte-Sul.

Unidades de conservação também vão ser destruídas

Cerca de 10 mil indígenas serão prejudicados diretamente pela hidrovia Tocantins-Araguaia que é parte do Projeto de Desenvolvimento Integrado da bacia Tocantins-Araguaia (Prodiat). Ela irá atingir, ainda, os povos Gavião, Avá-Canoero, Gavião/Parkatejê, Parakanã, Aikewar/Surui, Assurini e Xikrin. Unidades de conservação, como o Parque Nacional do Araguaia (TO) o Parque Estadual Serra Azul (MT) e reservas extrativistas de Tocantins e Maranhão, também correm o risco de serem destruídas.

Os ecossistemas de Cerrado ficam sob ameaça. Segundo o diretor de programas para a América Latina da International Rivers Network, Glenn Switkes, que acompanha o projeto e avalia os seus impactos, a construção da hidrovia representaria um considerável subsídio público à expansão de monoculturas de soja e florestas de transição da Amazônia. "Além do desmatamento resultante da conversão do Cerrado em plantações de soja, o uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes químicos está causando a contaminação dos solos, cursos de água e lençóis freáticos", diz Glenn.

Ele garante que os mais atingidos pela hidrovia seriam os povos indígenas e outros que dependem da fauna e flora do rio para a sobrevivência e de água limpa dos rios para beber e banhar-se. Haveria também o declínio dos cardumes de peixes e a degradação dos rios e lagoas. "O aumento de atividades econômicas certamente aumentaria as pressões sobre as terras indígenas. A construção da hidrovia e de estradas facilitaria a migração, trazendo doenças, alcoolismo e prostituição, tornando mais difícil para os povos indígenas manterem suas culturas, religião e modo de vida".

Glenn considera ainda como ameaças a essas populações a poluição e as erosões das margens dos rios, resultantes do tráfego de comboios de barcas. O ecoturismo e a pesca na região do Araguaia também sofreriam os impactos do empreendimento que pode condenar outra área de conservação importante na região: o chamado Pantanal do rio das Mortes. Uma área extremamente rica em biodiversidade que foi reservada, mediante decreto do governo estadual de Mato Grosso, para fins de estudos ecológicos.

Foto: Mário Mordignon



Menino Tapirapé: tranquilidade ameaçada pela "grande obra"

*Texto compilado pela editora